

# USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR FUNCIONÁRIOS EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE UBÁ-MG

USE OF ANTIDEPRESSANTS BY EMPLOYEES OF THE FACULTY GOVERNADOR OZANAM COELHO DE UBÁ-MG

FRANCO, Amanda Botelho <sup>a</sup>; FERRARI, Gionava Arrigi <sup>a</sup>;  
FONTES, Lívia Beatriz de Almeida <sup>b</sup>



libafontes@yahoo.com.br

<sup>a</sup> Discente do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho - UNIFAGOC - Ubá/MG

<sup>b</sup> Docente do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho - UNIFAGOC - Ubá/MG

## RESUMO

*A depressão é um transtorno de humor crônico e recorrente que ocasiona forte impacto na qualidade de vida do paciente e de seus familiares. Embora a farmacologia tenha inúmeros medicamentos capazes de tratar esse distúrbio, muitas pessoas os utilizam de forma indiscriminada, o que pode ser prejudicial à saúde. Objetivo: Avaliar de forma quantitativa o uso de antidepressivos entre funcionários do UNIFAGOC em Ubá-MG. Métodos: Foi aplicado um questionário para os trabalhadores da instituição contendo perguntas diretas quanto ao uso de antidepressivos. A amostra foi composta por 124 indivíduos. Resultados: Os resultados apontam que 33,87% dos entrevistados fazem ou já fizeram o uso de antidepressivos, muitas vezes (38,10%) por automedicação, sendo a maioria do sexo feminino. Os pacientes referem melhora com o uso do medicamento, mas relatam efeitos colaterais. Conclusão: Os dados obtidos mostram que grande parte dos funcionários de uma instituição de ensino superior em Ubá- MG faz uso de antidepressivos por outras patologias ou automedicação.*

**Palavras-chave:** Antidepressivos. Ansiolíticos. Depressão. Farmacologia.

## ABSTRACT

*Depression is considered a disorder that affects millions of people worldwide. Affecting self-esteem, causing sadness and discouragement in everyday activities. Within this context, pharmacology contains numerous drugs capable of treating this disorder. However, many people use these drugs unconsciously, which can be harmful to health. Objective: To quantitatively evaluate the use of antidepressants among UNIFAGOC employees in Ubá-MG. Methodology: A questionnaire was applied to the institution's workers containing direct questions regarding the use of antidepressants. The sample consisted of 124 individuals. Results: The results show that 33.87% of respondents use or have already used antidepressants, often (38.10%) for self-medication, the majority being female. Patients report improvement with the use of the drug, but report side effects. Conclusion: The data obtained show that most UNIFAGOC employees use antidepressants indiscriminately.*

**Keywords:** Antidepressants. Anxiolytics. Depression. Pharmacology.

## INTRODUÇÃO

A depressão tem se tornado um transtorno comum no mundo e estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sofram com essa doença (WHO, 2028). É considerada uma doença crônica e recorrente que se caracteriza por episódios depressivos, com pelo menos duas semanas de humor deprimido ou redução de interesse na maior parte das atividades, junto a outros sintomas adicionais de depressão (Graeff; Guimarães, 2005). Os sintomas mais comuns, geralmente, são: redução do sono, perda de apetite, perde de energia e interesse, dificuldade de concentração, sentimento de culpa, pensamentos de morte ou suicídio (Margarido, 2002).

Cerca de 800 mil pessoas morrem devido à depressão não tratada cada ano – sendo essa a segunda principal causa de morte no mundo, sobretudo entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos (WHO, 2028).

Contudo, a psicofarmacologia tem avançado muito no contexto do tratamento da depressão, havendo disponíveis no mercado várias classes de antidepressivos eficazes no tratamento de tal doença. O advento desses medicamentos tornou a depressão um problema médico, passível de tratamento. Além disso, nas últimas décadas, a psicofarmacologia da depressão evoluiu muito e rapidamente, e temos hoje em dia uma grande variedade de fármacos que podem ser utilizados no tratamento de outras patologias como na ansiedade, dores neuropáticas a até mesmo na cessação do tabagismo (Margarido, 2002). Dessa forma, antidepressivos tem sido usado em casos que não tem relação com a depressão, como, na tensão pré-menstrual, ejaculação precoce, mau humor, dor física, entre outras (Nogueira; Garattoni, 2011).

O objetivo deste estudo, portanto, é identificar de forma quantitativa o uso de antidepressivos entre os funcionários de uma instituição de ensino localizada na Zona da Mata Mineira; assim como o conhecimento dos usuários quanto à eficácia e efeitos colaterais desses fármacos.

## METODOLOGIA

Trata-se de estudo transversal e descritivo, realizado com os funcionários de uma instituição de ensino superior de Ubá-MG, entre os meses de maio e novembro de 2018. A referida instituição possuía, na ocasião da coleta dos dados, 124 funcionários que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Para coleta dos dados foi empregada a técnica de autorrelato estruturada, utilizando um questionário. Para análise dos dados, foi utilizada abordagem quantitativa. Após a codificação de cada uma das variáveis, dados foram plotados no programa EXCEL e, posteriormente, no Statistical Package for the Social Science (SPSS, versão 17.0). A comparação das variáveis quantitativas foi feita pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney. Os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS 196/96).

## RESULTADOS

A pesquisa teve como participantes 124 funcionários, no ano de 2018, dos quais 62,09% ( $F=77$ ) eram mulheres e 37,90%, homens ( $M=47$ ), com idade acima de 18 anos. Dentre os pesquisados 33,87% ( $T=42$ ) revelaram fazer uso ou já ter usado

medicamentos antidepressivos, porém apenas 20,96% (T=26) disseram ter sido diagnosticados com depressão por médicos, e 12,9% (T=16) admitiram fazer uso por outras patologias ou se automedicar. Dos que utilizam antidepressivos, 85,72% (T=36) eram mulheres e 14,28% (T=6) homens. A faixa etária de maior prevalência na utilização de antidepressivos foi acima de 35 anos, com 71,42% (T=30) dos entrevistados. Os números revelaram que, entre os funcionários que fazem uso de antidepressivos, o fármaco mais utilizado é Fluoxetina 47,61% (T=20); o segundo e o terceiro, respectivamente, são: Sertralina 19,04% (T=8) e Paroxetina 14,28% (T=6); os demais, como Citalopram, Venlafaxina e Amitriptilina, representam apenas 2,3%. Quanto ao tempo, 66,66% (T=28) afirmaram utilizar os fármacos há mais de um ano; dentre aqueles que foram diagnosticados e receitados por médicos, 84,61% (T=22) revelaram ter sido orientados em relação ao tempo de início da ação do fármaco, enquanto 15,39% (T=4) não receberam qualquer informação. Todos os que responderam “sim” ao uso de antidepressivos (T=42) afirmaram notar eficácia do remédio e apenas 14,28% (T=6) negaram efeitos adversos dos fármacos, logo 85,72% (T=36) observaram reações indesejadas atribuídas aos fármacos, dentre elas a mais prevalente, com 28,57% (T=12) dos indivíduos usuários dos medicamentos foi disfunção sexual; a segunda, com 23,80% (T=10), foi a cefaleia; e a terceira, com 19,04% (T=8), apresentou insônia/agitação; 14,28% (T=6) apresentaram náusea; e apenas 4,70% (T=2) afirmaram ter perda de apetite. A Tabela 1 demonstra a distribuição dos participantes do estudo, de acordo com o uso e efeitos dos antidepressivos.

**Tabela 1** - Distribuição dos participantes do estudo, de acordo com o uso e efeitos dos antidepressivos. Ubá, 2018

VARIÁVEL		N	%
<b>Sexo</b>	Masculino	(T=6)	14,28%
	Feminino	(T=36)	85,72%
<b>Idade</b>	Acima de 35 anos	(T=30)	71,42%
	Abaixo de 35 anos	(T=12)	28,57%
<b>Medicamentos</b>	Fluoxetina	(T=20)	47,61%
	Sertralina	(T=8)	19,04%
	Paroxetina	(T=6)	14,28%
	Outros		2,30%
<b>Tempo de uso</b>	Acima de 1 ano	(T=28)	66,66%
	Abaixo de 1 ano		
<b>Receitado por médico</b>	Sim	26	61,90%
	Não	16	38,10%
<b>Dentre os receitados por médico, aqueles que foram orientados em relação ao tempo de início da ação do fármaco:</b>	Sim	22	84,61%
	Não	4	15,39%

---

<b>Notou eficácia do fármaco</b>	42	100%	
<b>Efeitos adversos</b>	Notaram	36	85,72%
	Negaram	6	14,28%
<b>Tipos de efeitos</b>	Disfunção sexual	12	28,57%
	Cefaleia	10	23,80%
	Insônia/agitação	8	19,04%
	Náusea	6	14,28%
	Perda de apetite	2	4,70%

Fonte: dados da pesquisa.

## DISCUSSÃO

Na atualidade, é comum compartilhar-se da premissa de que, diante de um problema ele deve ser abolido de forma eficaz e rápida, e no cenário da depressão, a medicalização tem sido vista como o meio mais adequado para alcançar esse objetivo de findar os problemas e as angústias, uma vez que está vinculada ao bem-estar, saúde e a própria felicidade (Picheth; Ichikawa, 2015). O uso de medicamentos como os antidepressivos, se tornou, então, uma estratégia de defesa, em que as pessoas recorrem a esses fármacos com o intuito de anular ou ao menos tolerar mais as pressões sociais, familiares ou do próprio trabalho (Carvalho; Dimenstein, 2004), isto é, individualizando a maneira de lidar com os problemas sociais.

É possível observar, no entanto, que o número de usuários de antidepressivos é ainda maior entre as de mulheres. No presente estudo, por sua vez, elas representam uma maior prevalência na utilização desses fármacos, sendo 85,72% ( $T=36$ ) dos trabalhadores que afirmaram fazer uso ou já ter utilizado tais medicamentos ( $T=42$ ). De acordo com a OMS (2011) a probabilidade de uma mulher desenvolver um quadro depressivo ao longo da vida varia de 10 a 25%, em contrapartida, em um homem pode variar de 5 a 12%.

Outros estudos afirmam que a probabilidade de as mulheres desenvolverem este tipo de transtorno é maior, já que elas são influenciadas por fatores genéticos e psicossociais, este último, ocorre constantemente, visto que o papel da mulher está associado ao trabalho fora e dentro de casa (Gavin, 2013). Tendo em vista, que a dupla jornada de trabalho sobrecarrega de forma intensa a vida da mulher, isso compromete sua saúde. Além desses aspectos, há ainda, a questão hormonal que as diferencia dos homens, as quais as diferenças são relacionadas a faixas etárias como adolescência, período gestacional, tensão pré-menstrual ou menopausa (Cavalheiro; Tolfo, 2011).

Todavia, independente do sexo, observa-se que o uso desses medicamentos vem crescendo. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, de 2012 a 2022, as vendas de antidepressivos aumentaram 44,8% – de R\$647,7 milhões para R\$976,9 milhões. No entanto, o mais preocupante é o uso indiscriminado dessas drogas sem as devidas prescrições médicas. O presente estudo revelou que, dentre os funcionários de uma instituição de ensino superior, 12,9% daqueles que utilizam antidepressivos assumem a automedicação. No Brasil, o uso de medicamento sem orientação profissional é grande e devido, principalmente, à dificuldade da população em

alcançar os serviços de saúde, além da crença nos benefícios proporcionados pelo tratamento/prevenção da doença e a necessidade de aliviar os sintomas (Domingues *et al.*, 2015).

A Associação Brasileira de Defesa do Consumidor realizou uma pesquisa sobre o uso de antidepressivos e revelou que os brasileiros demonstraram um uso crônico significativamente mais alto do que em outros países pesquisados, como Espanha, Portugal, Bélgica e Itália. Segundo a pesquisa, 45% dos entrevistados brasileiros já fizeram uso de ansiolíticos ou antidepressivos, 35% apresentam sinais de dependência e 9% admitiram adquirir os medicamentos por meio de parentes ou amigos (Proteste, 2013).

Do mesmo modo, o presente estudo mostra que 12,9% (T=16) dos funcionários da instituição de ensino usam antidepressivos e fazem a automedicação sem diagnóstico ou por outra situação médica. Portanto, é importante ressaltar que tais medicamentos muitas vezes são obtidos por meio de pessoas que, diferentemente dos psiquiatras, não são profissionais capacitados para tratar a depressão. Segundo a ANVISA, os médicos utilizaram notificação de receita especial em 8% de suas prescrições, contra 16% dos médicos veterinários e 15,4% dos odontólogos (Amaral, 2014).

Por outro lado, o uso consciente dos fármacos antidepressivos é de suma importância no tratamento da doença, a qual tem se tornado um transtorno muito comum na população mundial, chegando a 300 milhões o número de pessoas portadoras de depressão em 2018 (Who, 2018). Esse transtorno pode manifestar-se em diferentes momentos da vida de uma pessoa e pode se constituir em um problema de saúde pública, pelo grau de sofrimento e pelas altas taxas de suicídio (Oliveira *et al.*, 2016). Dessa forma, o tratamento farmacológico correto pode salvar muitas vidas.

A farmacoterapia tem evoluído muito no decorrer dos anos (Mukai; Tamp, 2009). Desde sua introdução no mercado, entre 1980 e 1990, os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) têm sido os medicamentos de preferência. Isso também se observa no presente estudo, em que os ISRS conferem destaque entre os antidepressivos utilizados pelos funcionários pesquisados, sendo que a Fluoxetina é a mais utilizada (47,61%).

Apesar do grande uso, esses fármacos são metabolizados por isoenzimas do citocromo P450, o que aumenta a possibilidade de interações farmacológicas com outros medicamentos metabolizados por essa mesma via. Ainda assim, eles apresentam menor risco de reações adversas quando comparados aos demais antidepressivos anteriormente disponíveis, como os tricíclicos e inibidores da monoamina oxidase (Carlini, 2009).

Ainda assim, é comum observar efeitos colaterais muitas vezes limitantes da terapia antidepressiva. O efeito adverso de maior prevalência neste estudo consiste na disfunção sexual, atingindo 28,57% dos usuários de medicamentos contra depressão, ficando à frente do percentual de cefaleia (23,80%), insônia/agitação (19,04%) e perda de apetite (4,70%). Quanto à disfunção sexual, sabe-se que a serotonina é capaz de inibir o desejo, a ejaculação e até o orgasmo, enquanto a dopamina aumenta os desejos sexuais. Assim, é possível entender o motivo pelo qual os ISRS possuem uma atividade causadora da disfunção sexual.

No entanto, todos os antidepressivos são capazes de provocar prejuízos sexuais, principalmente aqueles que agem no sistema serotoninérgico, devido à ação no Sistema Nervoso Central. Os de primeira geração são mais associados a ganho de peso, efeitos anticolinérgicos e cardíacos, enquanto os ISRS são os protagonistas na esfera sexual (Souza, 2012).

Entre esses e outros efeitos adversos apresentados no presente estudo, há o alinhamento em conformidade a outras pesquisas, como, de Porto *et al.* (2007) em que os efeitos predominantes foram os eventos gastrointestinais (náuseas, dor de estômago e diarreia), além de cefaleia, tonturas, sonolência, insônia e diminuição da libido.

Quanto às respostas positivas dos antidepressivos, no atual estudo, 100% dos que responderam “sim” ao uso de antidepressivos afirmaram notar eficácia no medicamento. Porém, entre os diagnosticados e receitados por médicos, 84,61% revelaram ter sido orientados em relação ao tempo de início da ação do fármaco, isto é, uma parcela de 15,39% ficou isenta de informações importantes sobre o fármaco de tratamento.

Tal fato pode acabar influenciando diretamente na terapia, pois, a falta de orientação adequada sobre o tempo - dias ou semanas - em que o fármaco começa a apresentar seus efeitos pode levar à interrupção do uso do medicamento ou ao aumento da dose por conta própria a fim de alcançar os objetivos do tratamento (Istilli *et al.*, 2010). Além disso, o conhecimento acerca do período para observação dos primeiros efeitos antidepressivos do medicamento não gera falsas expectativas no paciente, podendo aumentar a sua adesão ao tratamento (Istilli *et al.*, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destaca que a depressão é considerada como um distúrbio psiquiátrico de alta prevalência, tornando-se um problema de saúde pública que atinge pessoas do mundo inteiro. Além disso, possui uma relação decorrente da insatisfação com as atividades diárias e uma grande carga psíquica que tais tarefas proporcionam. Sendo assim, tais insatisfações com o cotidiano na esfera familiar, social e do trabalho geram o aparecimento de transtornos mentais àqueles indivíduos mais suscetíveis.

Destaca-se, neste estudo, que o número de funcionários que usam ou já usaram fármacos antidepressivos é maior em pessoas do gênero feminino. Acredita-se que seja por fatores genéticos, hormonais e psicosociais relacionados ao sexo, principalmente, a dupla jornada de trabalho que sobrecarrega de forma intensa a vida da mulher.

Além disso, observa-se uma parcela de usuários, independente do gênero, que foram diagnosticados por médicos, mas não receberam orientações adequadas quanto ao uso dos antidepressivos, em especial sobre o tempo de início de ação desses fármacos - o que sugere uma maior conscientização dos profissionais de saúde ao lidar com pacientes de quaisquer classes trabalhistas.

Junto a essa problemática, destaca-se, nesta pesquisa, o grande uso de antidepressivos por funcionários sem diagnóstico e receita médica, os quais adquirem os medicamentos por outros meios que não os mais adequados à saúde. Tendo em vista que a pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior, cabe ressaltar a importância da orientação desses prestadores de serviço que trabalham, inclusive, para cursos da área da saúde, como Medicina, Odontologia, Psicologia e outros.

Conclui-se, portanto, que ações futuras com o objetivo de produzir maior conhecimento quanto ao uso, ao tempo do início de ação e aos efeitos colaterais e terapêuticos dos antidepressivos, por parte dos funcionários da instituição, parecem ser, particularmente, necessárias e oportunas.

## REFERÊNCIAS

- Amaral, V. **Ansiolíticos são destaque em boletim da Anvisa**, 2014. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br> . Acesso em: 31 jun. 2018.
- Carlini, E. A.; Noto, A. R.; Nappo, S. A.; Sanchez, Z. M.; Franco, V. L. S; Silva, L. C. F.; Santos, V. E; Alves, D. C. Fluoxetina: indícios de uso inadequado. **J Bras Psiquiatr**, v. 58, n. 2, p. 97-100, 2009.
- Carvalho, L. de F.; Dimenstein, M. O modelo de atenção à saúde e o uso de ansiolíticos entre mulheres. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 121-129, 2004.
- Cavalheiro, G.; Tolfo, S. R. Trabalho e depressão: um estudo com profissionais afastados do ambiente laboral. **Psico-USF**, v. 16, n. 2, p. 241-249, 2011.
- Domingues, P. H. F; Galvão, T. G.; Andrade, K. R. C. A; de Sá, P. T. T.; Silva, M. T.; Pereira, M. G. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista Saúde Pública**, v. 49, n. 36, 2015.
- Gavin, R. J. **Depressão, estresse e ansiedade: um enfoque sobre a saúde mental do trabalhador**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2013.
- Graeff, F.G.; Guimarães, F. S. **Fundamentos de psicofarmacologia**. São Paulo, Atheneu; 2005.
- Istilli, P. T.; Miasso, A. I.; Padovan, C. M.; Crippa, J. A.; Tirapelli, C. R. Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, jun. 2010.
- Margarido, F. B. A banalização do uso de ansiolíticos e antidepressivos. **Revista de Psicologia**, v. 15, n. 22, p. 131-146, jun. 2012.
- Mukai, Y.; Tamp, R.R. Tratamento da depressão em idosos: uma revisão da literatura recente sobre a eficácia de antidepressivos de ação simples versus ação dupla. **Clin Ther.**, v. 31, n. 5, p. 945-58, 2009.
- Nogueira, S.; Garattoni, B. A pílula da inteligência. **Revista Superinteressante**, v. 271, abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-pilula-da-inteligencia/>. Acesso em: 31 jun. 2018.
- Oliveira, D. C.; SILVA, M. L.; SOARES, F. J.; Sampaio, S. C.; Bittencourt, F. O.; Duarte, S. F. P. Avaliação da Depressão em Funcionários de uma Instituição de Ensino Superior Particular em Vitória Da Conquista-BA. Id onLine Revista Multidisciplinar e de Psicologia, vol 11, n.35, p. 392-404, 2017.
- Picheth, S. F.; Ichikawa, E. Y. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por bancários: um estudo de representações sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, dez. 2015.
- Porto, J. A. D.; Mello, A. F.; Correa, F. K. *et al.* Fluvoxamina no transtorno depressivo maior: um estudo multicêntrico aberto. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 1, jan. 2007.

Proteste – Associação Brasileira de Defesa do Consumidor. **Brasileiros abusam dos ansiolíticos**, 2013. Disponível em: <https://www.proteste.org.br/saude-e-bem-estar/doencas/noticia/brasileiros-estao-abusando-dos-ansioliticos>. Acesso em: 31 jun. 2018.

Souza, C. A. A. Antidepressivos e disfunções sexuais. **Psychiatryonline Brasil**, v. 17, n. 11, nov. 2012. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano12/art1112.php>. Acesso em: 24 jul. 2018.

WHO (World Health Organization) / OMS (Organização Mundial de Saúde). **Depression**. 2018. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs369/en/>. Acesso em: 5 maio 2022.